

NOTÍCIAS DE



CAMPELO

ANO III N.º 26
JULHO DE 1964

Director e Editor
Manuel Luís

Propriedade
da Igreja Paroquial

Composição e Impressão
Gráfica de Coimbra



A EUCARISTIA

Pio X ensinou uma vez que a Eucaristia resume toda a religião. Na verdade a Eucaristia é o centro, é a alma de toda a vida cristã.

Todo o movimento de piedade que se nota no mundo, é um maravilhoso sistema cristocêntrico.

Como no célebre quadro de Rafael — «A disputa do Santíssimo Sacramento» — para Jesus Cristo, oculto sob as espécies eucarísticas, devem convergir todos os nossos actos.

A Eucaristia é mistério augusto de amor, maravilha assombrosa de poder, prodígio incompreensível de sabedoria. Como ensina o Concílio de Trento, Jesus Cristo está presente verdadeira, real e substancialmente, em todas as hóstias consagradas da terra. A palavra do orador está presente à alma de todos os ouvintes. As mensagens de T.

S. F., rasgando os espaços, estão presentes em todos os recantos do mundo.

De modo mais assombroso, de modo divino, Jesus Cristo, pronunciadas as palavras misteriosas da consagração, está presente nos nossos altares.

Não há que duvidar. As palavras da Escritura são claras e concludentes. Assim o declara a Igreja. Assim o afirma toda a tradição, numa unanimidade absoluta. Assim o reconhecem até alguns herejes, como Lutero, que escreveu um dia estas significativas palavras: «Suei e tresuei, trabalhei, até empalidecer, sobre esta matéria na esperança de descobrir o meio de me rir do Papa. Todavia vejo-me preso nas malhas da verdade. Não há que fugir. O texto do Evangelho é bem claro e positivo, para se poder interpretar de modo diferente».

Absurdo a presença real de Cristo na Eucaristia? Mistério, mistério augusto e profundo, sim. Absurdo não. Como ensina Pascal, a fé diz-nos claramente o que os sentidos não podem dizer-nos, mas nunca o contrário da razão. A fé está acima da razão, não está contra ela.

Nunca o homem poderia escutar este meio singular e misterioso de prover às necessidades da sua alma.

E, no entanto, ele está na lógica da misericórdia infinita do Senhor. É passo comovedor aquele em que o Mestre, alongando os olhos calmos e bondosos pelos seus ouvintes — que o escutavam assombrados, sem pensar no alimento — pronunciou estas palavras: «Tenho pena desta multidão. E essa pena levou-O a realizar a multiplicação dos peixes e dos pães.

Pelos séculos fora, há multidões numerosas, milhões de pes-



JUVENTUDE! PRONTA A SERVIR!

Senhor! Dá à minha vida o perfume das tuas flores, a pureza das suas pétalas!

● Dá-me a luz quente do teu sol, a claridade tranquila das tuas estrelas.

● Mas dá-me, ainda mais, a coragem de estar sempre pronto a servir os que me cercam, a fazer por eles, se possível, mais do que é preciso,

● para estar certo de nunca fazer menos do que convém;

● a coragem para ser o primeiro, onde o trabalho é muito e a tarefa é dura!

LEZARD

GARIDADE

«Encontrou-se a Caridade
Com o Orgulho, certo dia;
Subia o Orgulho uma escada,
E a Caridade descia.

Ela humilde, ele arrogante,
No patamar dessa escada,
Os dois cruzando-se viram
Uma rosinha pisada.

Emproado, o Orgulho, vendo-a,
Deu-lhe nova pisadela;
De joelhos, a caridade
Deitou-se aos beijos a ela.

Mas nobres passos se ouviram
De som divino e tremendo:
O Orgulho seguiu subindo,
E a Caridade descendo...

E a voz de Deus entretanto,
Disse, bramando e sorrindo:
—Tu, que sobes, vais descendo!
—Tu, que desces, vais subindo!

GONÇALVES CRESPO

(Continua na página 2)

LEALDADE

No princípio do verão de 1129, partiu de Guimarães, à caminho de Castela, Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, com sua mulher e filhos, vestidos de branco, com uma corda ao pescoço e, com a cabeça descoberta, como se fossem condenados.

Que crime praticaria Egas Moniz para, com sua família, ser expulso de Portugal — perguntaria qualquer pessoa que os visse passar.

Vamos vê-lo em poucas palavras.

Em 1128, após a batalha de S. Mamede, D. Afonso Henriques apodera-se do governo do Condado Portucalense, tirando-o a sua mãe que mantinha relações ilícitas com um fidalgo galego, Fernão Peres de Trava, motivo porque era mal vista no Condado.

No fim deste mesmo ano ou princípios do seguinte, D. Afonso VII de Castela, querendo obrigar seu primo D. Afonso Henriques a prestar-lhe vassalagem, segundo alguns historiadores, ou,

segundo outros a pedido de D. Teresa, veio atacar o Condado e pôr cerco a Guimarães, onde o moço príncipe se acolhera. Como este ataque fosse um pouco de surpresa, D. Afonso Henriques não pôde juntar forças suficientes para opor séria resistência ao invasor.

Dentro dos muros de Guimarães já se lutava com falta de mantimentos e munições. Vendo a inutilidade da resistência Egas Moniz vai ocultamente procurar o rei de Castela para que levante o cerco, pois D. Afonso Henriques lhe prestará a vassalagem que exige. Como penhor da sua palavra, se este não cumprisse, entregar-lhe-ia sua mulher e seus filhos. Confiando el-rei de Castela na palavra do fidalgo português, levanta o cerco e retira-se para Toledo, capital dos seus reinos.

D. Afonso Henriques, porém, ao ter conhecimento do tratado e suas cláusulas, jura que antes

(Continua na página 2)

BOLETIM DA FAMÍLIA PAROQUIAL DE CAMPELO

13 AGO. 1964

DEP. LEG.

A EUCHARISTIA

(Continuado da 1.ª pág.)

soas, que definham à míngua duma palavra serena de vida eterna, e dum alimento divino de salvação. Para esse cortejo inumerável de fiéis, realizou o Senhor, na cella da despedida saudosa que precedeu a sua Paixão, o prodígio da Eucaristia, que se perpetua em todos os tempos, e em todos os lugares da terra.

Amigo fiel, não quis abandonar-nos. Quis ficar connosco, para que possamos visitá-lo no tabernáculo escondido e modesto, onde apaga os fulgores da sua grandeza.

Lá está, noite e dia, sentinela vigilante que não adormece, hóstia sacratíssima, a oferecer-se continuamente ao Pai, amigo dedicado sempre pronto a ouvir as nossas queixas e consolar as nossas mágoas, a aliviar as nossas necessidades.

A visita ao Santíssimo Sacramento é uma alegria para a alma cristã. As vezes todo o mundo o abandona, quem sabe? talvez mesmo o aborreça e deseje a sua morte. O amigo divino não abandona, não aborrece, não quer a morte.

É uma alegria estar em ele, que nunca manda dizer que não pode receber, que não está em casa.

Ele está sempre em casa e pode sempre receber.

É essa alegria é paz e é força. Almas trucidadas, almas moribundas, quantas delas, depois duma visita comovida e dolorosa ao Santíssimo Sacramento, em horas mansas e calmas, sós, sem a companhia indiscreta de curiosos, se sentiram mais fortes, mais corajosos para a luta.

Baptizados

No dia 14 de Junho foi baptizado nesta Igreja Paroquial de Campelo Sesinando dos Santos Alves, filho de Manuel da Conceição Alves e de Elisia de Jesus Santos, tendo sido padrinhos o sr. Luciano Neves e sr.ª Leonor de Jesus Santos.

— Também no dia 21 de Junho foi baptizado na mesma igreja Maximino da Conceição Antunes, filho de Artur Antunes Coelho e de Alice da Conceição Nicolau, da Póvoa, tendo sido padrinho o sr. Maximino Carregoso Lameiras e madrinha a sr.ª Alzira da Conceição Alves.

— No dia 23 de Junho foi baptizada Helena Maria Prior Santos Costa, filha do sr. Joaquim dos Santos Costa e da sr.ª D. Helena Lucas Prior, sendo padrinhos Jorge Manuel Prior Costa e Celeste de Jesus Santos Costa.

Varreram-se as nuvens do desalento, quicá do desespero; despontou o sol da resignação e da coragem, os seus raios encheram-nas de paz e de conforto.

As vezes, a dor é tão violenta que nem se atina com fórmulas de orações, mas o Senhor sabe ler profundamente nas almas. Sabe confortá-las como ninguém. As lágrimas e as tristezas resignadas são já fervorosas orações. O Pai não repele o filho que se lhe lança ao pescoço, chorando e gemendo, sem poder pronunciar palavra. Almas torturadas ajoelhadas diante do Santíssimo, mesmo sem saber dizer orações, são lâmpadas silenciosas, que alumiam discretamente o tabernáculo. O Senhor saberá consolá-las e dar-lhes alento.

Exemplo magnífico, exemplo inteligente o de tantas pessoas, que aproveitam algum tempo livre, às vezes entre dois serviços urgentes, para fazer uma visita ao Senhor Sacramentado.

Dão e recebem, mas recebem mais do que dão. Dão a sua generosidade, a sua dedicação, o seu amor. Em troca recebem graças preciosas para a inteligência e para o coração.

D. Manuel Trindade Salgueiro

LEALDADE

(Continuado da 1.ª pág.)

quere morrer com vezes do que prestar vassalagem ao primo. Então Ega Moniz começa os preparativos da sua viagem para ir cumprir a sua palavra. Os amigos tentam dissuadi-lo:

— Não sabes, dizem uns, que se Afonso VII exigir o cumprimento do tratado, D. Afonso Henriques defender-te-á com o seu braço forte e o dos seus soldados?

— É esse o amor, dizem outros, que tens aos teus, que os sacrificas a troco duma palavra, dada num tratado de paz, que só se respeita enquanto há interesse?

Egas Moniz, porém, vence tudo e todos, e lá vai, por caminhos tortuosos, íngremes, cheios de pó, ora nos cumes de montanhas, ora no fundo dos vales, ora subindo escarpadas colinas e serras, ora descendo-as com a máxima cautela, não escorregasse e fosse parar ao fundo dos abismos que se estendiam aos seus pés, sob os raios ardentíssimos do sol, suporta os terríveis sofri-

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta freguesia os nossos dedicados assinantes e amigos, srs.: António Rodrigues Lourenço, José dos Santos, D. Maria da Luz, esposa do sr. André dos Santos, Albano Henriques dos Santos, Carlos Antunes Fernandes, Joaquim dos Santos Costa, esposa e filha, Manuel da Conceição Martins, Manuel Nunes Martins, esposa e filhos, Jaime Rodrigues Rosa, Armando Rodrigues e esposa, Manuel Lucas Prior e esposa, António Nunes da Silva, esposa e filha, Lúcio João da Silva e esposa, Joaquim Pedro Ribeiro e esposa, José Simões Costa e esposa, Joaquim Simões Nunes, Alberto dos Santos Costa, esposa e filhos, Antero Duarte Ferreira, José Júlio e esposa, Joaquim Carvalho Lourenço e esposa, Eugénio Nunes Martins e esposa, Adelino Nunes da Silva, esposa e filhos, José Maria Fernandes, Manuel dos Santos Martins, António de Almeida e esposa, Américo Martins Coimbra e esposa, Manuel de Abreu Antunes, Vitorino dos Santos Costa e esposa, Joaquim dos Santos Costa, Joaquim Ferreira da Silva, Henrique Barata Salgueiro, Armando de Abreu Antunes, Manuel Lopes Jorge, Luciano das Neves, Agostinho Ferreira Henriques e esposa, Manuel Fernandes dos Santos, Augusto Lopes Coelho e esposa, Fernando Ferreira Henriques, Mário Duarte Ferreira, todos de Lisboa;

Manuel Rodrigues dos Santos, de Tomar, Vitorino Mendes Lucas, de Coruche, Herculano da Conceição Loja e esposa, Manuel Filipe, das Relvas, Joaquim da Conceição Angelo, esposa e filhos, de Almada, José dos Santos Duarte, esposa e filhas, de Almada, esposa do sr. Vitorino Ribeiro, de Almada, Manuel Alves Júnior e esposa, da Corujeira, Augusto de Jesus Mendes e esposa, de Tomar, Manuel da Conceição Relvas, de Figueiró dos Vinhos, Agostinho da Silva Ribeiro, de Portimão, José Francisco dos Santos e esposa, de Coruche, Albino Martins, do Pontão, José da Costa Silva e esposa, da Amadora, Albino Nunes Alves e esposa, de Almada, Vitor Pedro Leitão, de Figueiró dos Vinhos, Casimiro Tavares de Campos, esposa e filhas, de Coimbra, José António da Silva, de Figueiró dos Vinhos, Aurélio Veneza, de Carapinheira do Campo, José Lucas dos Santos, de Coruche, Joaquim Arinto Simões e esposa, de Montijo, Joaquim Ferreira Duarte, de Amadora, José Lucas Prior, esposa e filho, de Figueiró dos Vinhos, Manuel Garcia, de Gondramaz, Fernandino Ribeira, de Almada, Manuel da Silva Pereira, de Figueiró dos Vinhos, Américo Henriques Pereira e esposa, de Alferarede, Alcides dos Reis Silva, de Lameiras, António Simões Prior, de Felgueiras, José Lucas Prior, de Vendas Novas, Cipriano da Silva Braz, de Alenquer, Maximino Carregoso Lameiras, de Santarém, José Duarte Ferreira, de Sacavém, Joaquim dos Santos Coelho, de Tomar, José Lopes Vinhas, de Tomar, Manuel da Conceição Rodrigues, esposa e gentil filha, de Lisboa.

mentos da fome, da sede, do sono, e de todos os sacrifícios, para cumprir a sua palavra, dada uma vez em Guimarães.

Chega a Toledo e, no meio da admiração de toda a gente, dirige-se aos paços de el-rei. Este ao ser avisado da sua chegada, enche-se de cólera contra Egas Moniz, pensando, e não sem razão, que via fugir de suas mãos o Condado Portucalense. É neste estado que Egas Moniz vai encontrá-lo. Imediatamente se lança a seus pés, explicando o seu procedimento.

Ao ver tamanho rasgo de lealdade e amor à Pátria, a cólera de Afonso VII abrandase e este fica hesitante entre a misericórdia e a vingança. Vence aquela e el-rei de Castela levanta Egas Moniz, dizendo que quem oferece a sua vida pela Pátria não merece castigo, mas prémio.

Voltando a Portugal Egas Moniz mandou edificar um mosteiro em honra da Virgem, como prometera, se conseguisse abrandar a ira de Afonso VII, morrendo em 1144, um ano depois da assinatura do contrato de Samo-

ra em que se reconhecia a independência de Portugal.

Se para cumprir a sua palavra dada aos homens, Egas Moniz se arriscou a tudo o que vimos, que devemos nós fazer para cumprir a dada a Deus, nós como cristãos?

Que temos nós feito para cumprir as nossas promessas solenes: a do baptismo? Têm-nos censurado e censuram-nos de a cumprir? Que importa? Encontraremos a recompensa no fim da nossa viagem, ao chegarmos à presença do nosso único rei — Deus, como Egas Moniz a encontrou quando chegou à presença do rei de Castela — D. Afonso VII.

Fixemos bem este exemplo de lealdade à palavra dada e talvez que ela nos dê forças para cumprirmos todas as obrigações que em promessas solenes temos assumido, e todos os deveres que nos impuzemos no Baptismo.

Ecos da Freguesia

● No dia 22 de Junho deflagrou um grande incêndio no alto da serra de Alge, do lado do Oeste. Graças aos esforços dos Bombeiros do nosso concelho e de muitos populares, o fogo foi dominado e extinto passadas poucas horas.

Segundo consta, o dito incêndio foi provocado por uma faisca.

● Está a reorganizar-se em Campelo o rancho folclórico que irá a Figueiró dos Vinhos abrilhantar as festas da feira de São Pantaleão, no próximo dia 27.

Tudo se prepara para que o dito rancho, mais uma vez, honre a nossa freguesia.

● Os Serviços Florestais estão a arborizar o alto da serra de Peralcovo.

Oxalá que os habitantes de Peral-

covo em nada fiquem prejudicados com essa arborização.

● Regressou a Campelo a menina Maria Luisa Dinis da Costa Simões, que frequentou o Colégio de Famalicão (Anadia) com muito bom aproveitamento.

● Encontra-se em Campelo o sr. António da Costa Simões, importante e muito considerado comerciante em São Paulo (Brasil).

● Em gozo de merecidas férias, está em Campelo a menina Maria Madalena Rosa Ferreira, distinta aluna do Liceu de Coimbra.

● No dia 11 de Junho deu-se uma terrível explosão no lugar dos Trespostos, da qual, por pouco, não resultou a morte de várias pessoas.

● Decorreu com muito brilho e com grande afluência de fiéis a festa de Nossa Senhora da Saúde no lugar do Fontão Fundeiro, no dia 21 de Junho. Nunca ali se organizou procissão tão grandiosa, nem se viu tanta gente como este ano.

● Decorreram bem e com bons êxitos as passagens de classes e os exames das crianças de todas as 4 escolas desta freguesia.

As nossas maiores felicitações.

Festas

No dia 25 de Julho, realizar-se-á no lugar do Singral a festa de São Tiago, que costuma decorrer com muito brilho e grande concorrência de fiéis.

— Também no dia 2 de Agosto terá lugar em Campelo a festa do Santíssimo Sacramento, que será abrilhantada pela Filarmónica de Castanheira de Pera. Será pregador o Rev.^{mo} Arcipreste de Figueiró dos Vinhos e virá também ajudar à mesma festa o ilustre filho desta freguesia, Rev.^o Padre Fernando Rodrigues Ribeiro, Dig.^{mo} Pároco da freguesia de Vila Nova do Ceira.

— No dia 9 de Agosto celebrar-se-á em Alge a festa do Divino Espírito Santo. Tudo se prepara para que ela seja revestida do maior brilho e solenidade.

— Lemos num livro manuscrito pertencente ao Arquivo Paroquial desta freguesia de Campelo, com a data de 8 de Maio de 1797, o seguinte: «Cap.^o 6.^o da Festa do S.^{mo} Sacramento e dia em q. se ade fazer.

Naprimavera Dominga de Agosto de cadaum anno sefará a Festa do S.^{mo} Sacramento, com Missa cantada, Sermão, e Sm.^o exposto à Missa, no fim da qual sefará Procissão aq. assistirão todós os Irmaons com suas Vestes evellas acezas até se recolher o S.^{mo} Sacrament.^o no Sacrario; ea despeza da Festa será acustada Confraria, menos a esmolla do Sermão q. o R.^{or} pagará da sua algibeira e assim qualquer outra despeza do fogo q. elle por sua generosidade queira fazer neste dia; Pella manhã antes da Missa do dia sefará Elleição do R.^{or} Ex.^{mo} Thizoureiro, e Irmaons da Meza, que hão de Servir no anno seguinte, tudo na forma q. jafica determinado no Cap.^o primeiro.»

MONTREAL — A cura repentina de um tumor no pulmão, nesta cidade, foi atribuída à intercessão do Servo de Deus, Isidoro Zorzano. O cardeal Léger abriu um processo eclesiástico em relação com este facto. O processo teve lugar durante o mês de Fevereiro, e serviram de testemunhas, entre outras pessoas, oito médicos do «Montreal General Hospital». Destes médicos, um é católico, outro judeu e os seis restantes, protestantes.

Isidoro Zorzano foi um engenheiro industrial, membro do Opus Dei. Nasceu em Buenos Aires no dia 13 de Setembro de 1902. Estudou Engenharia na Escola de engenheiros industriais, de Madrid, tendo exercido a sua profissão durante toda a sua vida. Em 1930 ingressou no Opus Dei, fundado no ano de 1928 por Monsenhor José Maria Escrivá de Balaguer. Morreu a 15 de Julho de 1943 com quarenta anos, depois duma longa e dolorosa doença, sofrida com fortaleza e alegria.

AMIGOS DO «NOTÍCIAS»

José dos Santos, dos Trespostos, 10\$00; Isaltino Ferreira Henriques, de Lobito, 100\$00; Armando Rodrigues, de Lisboa, 10\$00; Armando de Abreu Antunes, de Lisboa, 10\$00; Manuel Lopes Jorge, de Lisboa, 10\$00; Fernando Godinho, de Sacavém, 10\$00; Eugénio Nunes Martins, de Lisboa, 10\$00; Manuel Fernandes dos Santos, de Lisboa, 10\$00; Al-

berto dos Santos Costa, de Lisboa, 20\$00; Joaquim dos Santos Costa, de Lisboa, 20\$00; José Lucas Prior, de Figueiró dos Vinhos, 20\$00; Manuel Lucas Prior, de Lisboa, 20\$00; Manuel Rodrigues Júnior, das Searas, 10\$00; Sérgio da Silva Brás, da Searada, 10\$00; Albino Nunes Alves, de Almada, 15\$00; Manuel Gomes Branquinho, de Lameiras, 10\$00; Adellino Nunes da Silva, de Lisboa, 20\$00; António Simões Prior, de Figueiras, 20\$00; Agostinho da Silva Ribeiro, de Portimão, 20\$00; Joaquim da Silva Ribeiro, de Portimão, 30\$00; Augusto de Jesus Mendes, de Tomar, 10\$00; José António da Silva, de Figueiró dos Vinhos, 10\$00; Joaquim dos Santos Coelho, de Tomar, 12\$50; José dos Santos Duarte, de Almada, 20\$00; Manuel dos Santos, do Fontão, Manuel dos Santos, do Fontão Fundeiro, 10\$00; António de Almeida, de Lisboa, 12\$50; João Tomás de Oliveira, de Alverca, 10\$00; Joaquim António Simões, de Montijo, 20\$00; José Lucas Prior, de Vendas Novas, 20\$00; José Lucas dos Santos, de Coruche, 10\$00; Lúcio João da Silva, Lisboa, 15\$00; Raul Martins da Silva, de Lisboa, 20\$00; Manuel Filipe, das Relvas, 20\$00; Manuel Alves, Fetais Cimeiros, 15\$00; Alves, Fetais Cimeiros, 10\$00; José Brás, Fetais Cimeiros, 10\$00; José Rainho Guiomar, das Cancelas, 10\$00; Albino da Costa Santos, de Torres Novas, 10\$00; Joaquim de Abreu, de Aldeia Fundeira, 10\$00; Alcides dos Reis Silva, de Lameiras, 20\$00; Henrique Barata Salgueiro, de Lisboa, 15\$00; Abílio Lopes, de Alge, 10\$00; José dos Santos, de Lisboa, 12\$50; Maria José dos Santos, de Campelinho, 10\$00; José Júlio, de Lisboa, 15\$00; Manuel da Conceição Rodrigues, de Lisboa, 20\$00.

Para todos a expressão do nosso grande reconhecimento.

Casamentos

No dia 21 de Junho realizou-se na Igreja Paroquial de Campelo o casamento do sr. Artur Antunes Coelho, filho do sr. Albino Coelho e da sr.^a Maria Emilia Amélia, com a menina Alice da Conceição Nicolau, filha do sr. Manuel Alves Nicolau Júnior e da sr.^a Benedita da Conceição Rodrigues, da Póvoa, tendo sido padrinhos os srs. Manuel Mendes e Albino Rosa Vinhas.

— No dia 6 de Junho realizou-se na igreja de Nossa Senhora de Fátima, de Lisboa, o casamento do sr. Marcolino Lourenço Alves com a menina Ester Maria Antunes Domingues de Carvalho.

Os nossos sinceros parabéns.

Engenheiro a caminho dos altares

A vida de Isidoro Zorzano foi uma vida completamente normal e idêntica à de tantas outras pessoas. Isidoro não fez nada de extraordinário; foi fiel à sua vocação ao Opus Dei, soube santificar as suas obrigações quotidianas, cumprindo-as com rectidão de intenção, oferecendo-as a Deus, e foi para os seus colegas e amigos um exemplo de vida cristã, alegre e sã. Dele foi dito que «é um exemplo para os homens do nosso tempo». Isidoro Zorzano nunca terá pensado nisto, mas, sem dúvida, deixou-nos o exemplo da sua vida, uma vida de entrega a Deus, segundo o espírito do Opus Dei, que se resume nisto: tornar grandes, pelo amor de Deus e pelo desejo de servir todos os homens, as pequenas coisas de cada dia, no trabalho ou na profissão de cada pessoa no meio do mundo. — (ANSA).

Falecimentos

No dia 19 de Junho, faleceu no lugar do Singral o sr. Francisco Rodrigues de Sousa, de 92 anos de idade, viúvo de Maria Benedita.

O seu funeral foi muito concorrido e constituiu uma verdadeira manifestação de pesar.

— Faleceu em Lisboa, no dia 17 de Junho, a sr.^a Soledade de Jesus Lourenço, do Singral.

A sua morte foi muito sentida nesta freguesia por ser uma pessoa dotada das melhores qualidades.

○ Paz às suas almas e sentidos pesames às famílias enlutadas.

FESTAS AOS SANTOS!...

Já lá vão mais de trinta anos. Era eu menino e moço quando na minha freguesia natal, Penela, as festas em honra de Nossa Senhora de Nazaré atingiram o apogeu. Comissões bairristas organizavam um peditório pelos diversos lugares, e onde se esperavam esmolas mais churudas, a omissão fazia-se acompanhar por alguns elementos da filarmónica local que lançava pelos ares os sons estridentes dos trombones e a trovada dos bombos. Ao lado um homem com um braço de foguetes para distinguir aqueles que davam maiores esmolas. Organizava-se um cirio que era levado em romagem à (Senhora de Nazaré de Longe), era assim que designavam o Sítio da Nazaré, onde a tradição diz que apareceu Nossa Senhora a D. Fuas Roupinho, nos rochedos junto à Praia da Nazaré. Quando osromeiros regressavam, eram esperados por grande mul-

de fogo, concertos, bailes, etc., que iam até à manhã do dia 16. Depois o rescaldo das festas com mais foguetes, borracheiras, namoricos, bailes, etc.

Depois a reunião dos mordomos para fazer as contas das despesas efectuadas, e... pronto!..

A Santinha lá ficava no seu altar com meia dúzia de tostões no prato que almas devotas lá deixaram ficar. Nesse tempo era eu estudante no Seminário, e o meu prior, quando eu lhe perguntei se a festa tinha corrido bem, dizia: É a festa onde se gasta mais dinheiro, e a que lhe dá o nome é a (Santa mais pobre da freguesia).

Pois gastavam-se muitos contos de reis nesse tempo em que o dinheiro valia alguma coisa, visto que a jornada dum trabalhador andava pelos 4 ou 5 escudos e chegava para passar (sem vergonha do mundo).

Eu nunca esqueci aquelas pa-

MAS A QUE SANTO?...

tidão na estrada que vindo de Condeixa deva acesso à vila de Penela. Formava-se então um cortejo a cavalo, indo à frente, de bandeira em punho, montado num garboso cavalo, o presidente da comissão, que, antes de entrar em Penela, visitava o lugar de Rabarrabos, hoje chamado S. Sebastião, e que era e ainda hoje é o maior lugar da freguesia.

No dia 15 de Agosto, ou melhor, nos dias 14, 15 e 16 de Agosto realizavam-se os festejos em Penela. A imagem de Nossa Senhora de Nazaré era levada em solene procissão da igreja de S. Miguel onde tem o seu altar, para a igreja de Santa Eufémia. No dia 15 realizava-se a festa de igreja, com missa solene, um pregador dos caros, vindo lá de longe, para tecer um elogio maior aos mordomos do que à Santa. Fazia-se a solene procissão do dia que levava a imagem de Nossa Senhora ao seu lugar.

*

No dia 14 à noite havia pavilhões de baile na praça, concerto musical em vários coretos por várias filarmónicas e no largo da feira queimava-se uma série de parreirais de fogo preso, seguido de fogo de luzes no Castelo.

No dia 15 repetia-se o mesmo programa com novos parreirais

lavras do Prior, e tenho observado que a cena continua a repetir-se.

Onde está o espírito cristão das nossas comissões de festas por esse País além?

A Igreja nunca se opôs a festas profanas. Isso pertence ao Estado, às autoridades locais, regular a moralidade desses festejos, o que, nem sempre, infelizmente, é muito bem regulado. O que se não compreende é que se sirva do nome dos santos para dar o título a festas em que o acto religioso é uma coisa meramente acidental, e quem lucra é o fogueteiro, as bandas de música, os taberneiros, tendeiros, quinquilheiros, barraqueiros e a malta que se diverte.

O Santo é apenas o pretexto para atrair a afluência do povo que às vezes nem entra na Igreja, a não ser para ver se o armador teve bom gosto, e para contar os anjinhos que vão na procissão. Mas se o Bispo proíbe a procissão pouco falta para o povo o excomungar!...

Isso acontece ainda nos nossos dias, mas não se compreende. Cada coisa no seu devido lugar. Ou festas aos Santos, ou festas ao comércio e ao povo. As duas coisas juntas não podem fazer boa liga. As coisas santas devem ser tratadas santamente.

P. M. D. Marques

O avarento

— Dizem que és tão avarento que em tua casa todos passam fome.

— É mentira! em minha casa todos andam fartos. Minha mulher está farta de mim; eu estou farto dela; as criadas fartas de nós e nós estamos fartos delas!...

Salário

— O que é o salário, Sr. Professor?

— É o que traz teu pai para casa ao fim da semana.

— Então é uma grande bebedeira!

Não pude ver...

A dona da casa para a criada que volta das compras:

— Viste se o homem do talho tinha pés de porco?

— Não pude ver, minha senhora.

— Porquê?

Porque ele tinha as botas calçadas.

A coruja

— Que ave é esta? — perguntava uma criança a uma senhora.

— É uma coruja!

— Mas ela não se parece com a senhora! A mamã, quando a senhora vem a nossa casa, diz sempre: — quando me deixará aquela velha coruja!

Delicadamente

Num restaurante de grande luxo, o dono vê que um freguês atou o guardanapo em volta do pescoço. Chama um criado e diz-lhe:

— Vê se arranjas maneira de lhe dizer, de forma delicada e indirecta, que nesta casa não se pode pôr o guardanapo assim.

O criado fica a pensar um bo-



cado e depois aproxima-se do freguês e pergunta:

— Barba ou cabelo?

Óculos

Oculista: — Então que tal se dá o seu filho com os óculos?

A mãe: — Muito bem, mas com medo que ele quebre os vidros, deixo-o andar só com a armação.

Dívida

Quem foi o autor dos «Lusíadas»?

— Luís de Camões.

— E a quem devemos o Mosteiro da Batalha?

— O quê? não me diga, sr.^a professora, que ainda não pagámos a obra!

Cena campestre

— Onde está teu pai, rapariga?

— Está ali dentro, ao pé dos porcos. O senhor conhece-o logo pelo chapéu de palha...

ADIVINHA

Estão doze pássaros em cima de uma árvore. Vem um caçador e mata quatro. Quantos ficaram?

Solução da adivinha anterior: é mãe.

A ALMA E O INFINITO

*Penso às vezes, que a alma é uma flor,
uma sensível flor maravilhosa!
É dádiva de Deus, de um tal valor,
a centelha divina, preciosa...*

*É flor de encanto, tendo ao seu dispor
a doce eternidade gloriosa!
Mas... pode ser, também, que sua cor
se altere e que se torne tenebrosa!...*

*Oh, que não seja assim! Minha alma escuta:
cultiva a flor do Bem, por ela luta,
por seu perfume belo e cativante...*

*Só sentimentos bons... ideais puros
podem levar as almas às alturas...
e, além do Infinito, é tão distante...*

CHRISTINA BÉRENS FREIRE